



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tullhala-Lisbon • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREPAREMO-NOS

A necessidade dum grande preparo mental, moral e técnico, para a classe trabalhadora, é hoje mais do que nunca. Isto porque temos necessidade de avançar e do pôr-nos à altura da época em que vivemos. Bastas vezes aqui temos dito que o mundo burguês, está em crise, que estas instituições seculares que tem tiranizado os homens estão decadentes e periclitam já. É verdade, e todos disso se apercebem. Importa, pois, que a classe trabalhadora tenha a consciência absoluta do momento, isto porque ao predomínio burguês, cuja ruína está iminente, se sucederá, dum modo fatal, uma sociedade em que o trabalho fique emancipado, o senhor das suas funções, dirigente exclusivo da sua actividade. Daí, a necessidade iniludível de prepararmos-nos, porque a revolução não cai do céu, antes tem de ser obra do nosso próprio esforço. Se descurarmos este trabalho de preparação, que é imenso e essencial, mostraremos não estar à altura do momento histórico que passa, e teremos adiado uma oportunidade magnífica de fazer triunfar as nossas aspirações, que o mesmo é dizer, a grande causa da justiça e da liberdade.

Quem acompanhou os sucessos recentes da Itália terá avaliado a enormidade do esforço operário, a sua decisão admirável, e seu excepcional entusiasmo. Todavia, os operários italianos não triunfaram. Não lhes faltou coragem, não lhes faltou vontade de vencer, não podia ter sido mais arrojado o seu plano. Mas não venceram, quer dizer, não obtiveram tudo o que de si esperavam, não alcançaram o seu objectivo. Que lhes faltava então? faltava-lhes a preparação necessária. Sem esta insuficiência múltipla, não seria actualmente o aspecto político-económico da Itália. Imediatamente após a revolução, a organização dos trabalhadores fica com o encargo tremendo de garantir a produção. Esta não pode diminuir, antes tem de mostrar-se aumentada, de forma a garantir a abundância para todos. A libertação do proletariado tem de coincidir com o fim da miséria, com o termo da fome, com a extinção do sofrimento. Para alcançar-se este desideratum é mister que desde já comecemos a preparar-nos a valer, quer dizer, desde já comecemos a fazer a revolução.

Exactamente por termos desistido até agora a obra de preparação a que aludimos é que não nos passado da cepa torta. O variado está, em 1920, na mesma situação em que estava em 1919. Debaixo do ponto de vista económico piorou mesmo um pouco, apesar de serem agora os maiores. A revolução que nos trouxe a mesma distância em que estava

liberdade de reunião não existe, quem o contrário afirmar. Nos últimos dias tem-se registado constantes ataques a essa liberdade por parte daqueles que se dizem coerentes com os princípios de democracia. Não se respeta uma das mais caras conquistas dum povo que quer ser livre pela sua inteira liberdade tem o todo o seu esforço, sacrificando a

liberdade de reunião não existe, quem o contrário afirmar. Nos últimos dias tem-se registado constantes ataques a essa liberdade por parte daqueles que se dizem coerentes com os princípios de democracia. Não se respeta uma das mais caras conquistas dum povo que quer ser livre pela sua inteira liberdade tem o todo o seu esforço, sacrificando a

liberdade de reunião não existe, quem o contrário afirmar. Nos últimos dias tem-se registado constantes ataques a essa liberdade por parte daqueles que se dizem coerentes com os princípios de democracia. Não se respeta uma das mais caras conquistas dum povo que quer ser livre pela sua inteira liberdade tem o todo o seu esforço, sacrificando a

ontem. Não avançamos um passo para ela. E, todavia, a distância a percorrer é já bem curta. Um pouco de esforço e estamos lá. Esse esforço consiste na preparação revolucionária que ainda não fizemos, mas que temos forçosamente de fazer se quisermos seriamente alcançar a vitória final.

Dissémos que a preparação tem de revestir estes três aspectos: mental, moral e técnico. É certo. Mental, porque há ainda, nas camadas exploradoras, muita treva, a dissipar por meio da instrução. A sociedade burguesa convém deixar permanecer na ignorância as multidões famintas, porque a ignorância diminui as possibilidades, maniata, inferioriza. Temos de tomar nós sobre os ombros essa tarefa do esclarecimento. Não se trata de arranjar uma sociedade de doutores, mas também de criar valores úteis, aproveitáveis aproveitando a matéria prima que aí jaz em abundância, mergulhada no obscurantismo. O estado dum país não se pode avaliar pelo aspecto que apresenta a sua capital. É necessário que em todos os pontos do país existam elementos capazes de compreender o alcance da revolução e secundá-la acertadamente.

Para isto contribuirá também a preparação moral. A tutela da opressão dura há muitos séculos, e as almas estão deformadas. As boas qualidades atrofiam-se no homem pelo contacto dum sociedade corrupta. É necessário fazê-las ressuscitar, em todo o seu esplendor. O mundo de amanhã só com esta condição será verdadeiramente uma sociedade de iguais, uma sociedade de irmãos.

A preparação técnica, finalmente. O trabalho é agora obra exclusivamente nossa. Simplesmente, como nós somos os instrumentos violentados dos senhores da produção, trabalhamos um pouco à maneira das rodas dos relógios, cada uma das quais gira e contribui para a marcação do tempo sem ter visto jamais o aspecto dum relógio completo, sem ter a consciência da função especializada que desempenha naquele complicado maquinismo de que faz parte integrante e da qual se não pode reparar, presa como está a um eixo que ainda não pôde destruir.

A preparação técnica significa o conhecimento completo e absoluto de cada ramo de produção, cada classe posta em condições de prescindir com vantagem da direcção patronal, capaz de continuar ela própria, independentemente, a tarefa que vinha exercendo escravizada. É a estes trabalhos que devemos consagrar nos preferentemente. Isto de reclamar apenas maiores salários sem aproximar o momento da emancipação é quase uma adaptação aos moldes burgueses que devemos evitar a todo o transe.

ma comissão o procurar novamente a liberdade para que dê autorização para reunir.

Como à mesma hora estivessem reunidos os trabalhadores de imprensa, foram ao respectivo sindicato alguns camaradas distribuidores de jornais comunicando o facto. A assembleia lavrou o seu protesto.

A esta oficina veio também uma comissão informar-nos do que se passara. Simplesmente inacreditáveis estes atentados!

União dos Sindicatos Operários

Ao conhecimento deste organismo chegou também a notícia da proibição da reunião dos operários distribuidores de jornais, proibição feita pelo sr. governador civil, que também proibiu a reunião dos operários do município. A classe produtora que aprecie mais este não bre gesto.

O Conselho de Delegados reúne na próxima quarta-feira, para apreciar este e outros assuntos.

Prisões arbitrárias

No calabouço n.º 3 do governo civil encontram-se presos os camaradas Alfredo Dias Moreira, escrivão, e António de Carvalho, fiel de balança, ferroviário da Sul e Sueste. Com estes camaradas outros foram detidos na mesma ocasião, sendo postos em liberdade no dia seguinte ao do prisão, não se sabendo o motivo porque aqueles não se conservam presos, pois que o crime, com certeza, foi o mesmo — o de estarem soltos.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Os pescadores patriotas

Os bons pescadores portugueses que ganhavam sua vida no Brasil não quiseram renegar a pátria; por isso os patriotas brasileiros os condenaram à fome. E tanto sacrifício para quê? Por uma coisa abstrata, vá. Pois os bons pescadores que viviam melhor no Brasil; quiseram vir passar fome para Portugal, porque a sua razão viciada por ideias falsas se recusava a ver a verdade. A sua verdadeira pátria é o Brasil; a pátria é onde a gente se dá bem. Seja como for sacrificaram-se uma por ideia, boa ou má, defeituosa ou perfeita. Homens, assim, merecem o respeito de toda a gente, principalmente dos patriotas. Os governos devem pagar condignamente o gesto dos bons pescadores. Mas — vejamos as coisas mais — os pescadores praticaram o gesto e o sr. Paulo Barreto — vulgo João do Rio — apanha os prémios e as honras.

Mordedura misteriosa

Qualquer coisa de misterioso envolve as notícias que o telegrafo nos traz acerca da doença do rei da Grécia. Relatam uns que anda ali questão de ciúmes. Ciúmes do macaco? Ciúmes do rei? Ciúmes do macaco por ver o rei fazer rapazes a alguma mulher? Ciúmes do rei por presenciar alguma cena escabrosa entre o macaco e alguma macaca coquetel? Nubeloso, sempre nubeloso. Sabe-se que houve cena entre Sua Magestade e o macaco. Sabe-se também que o rei ficou de pior partido. Sabe-se ainda que a rixa não foi à navalha, nem ao box, nem a tiro, foi simplesmente à dentada e que esta apanhou o rei. Mas isto é pouco, muito pouco. O público é curioso, o público ainda não sabe em que parte do corpo foi S. M. mordido. Há dias um, telegrama que o *Seculo* publicava, parecia querer esclarecer o caso; dizia que o rei tinha sido mordido num músculo. Isto não satisfaz. Mordido num músculo mas em que músculo, senhores? Trata-se dum questão de ciúmes e o macaco que, às vezes pensa como gente, havia de escolher um músculo bastante melindroso e simbólico, para exercer a sua vingança requintada...

E nada mais podemos acrescentar.

No Oriente

Os arménios encontram-se numa situação melindrosa.

PARIS, 24. — A situação da República Arménia é melindrosa. A delegação da República da Arménia em Paris recebeu a seguinte declaração do sr. Boksaian representante do governo arménico em Tiflis:

Em vista da grande extensão na frente turca e da necessidade de concentrar forças suficientes sobre as outras fronteiras, o alto comando arménio ordenou a evacuação de Khaghlismon, Sarikmich e do Ardashan. As tropas arménias retiraram-se em boa ordem evacuando a população civil e levando consigo os seus víveres. Concentraram-se em Navosolin e em Boghlismod. Apesar de ataques repetidos os turcos não puderam avançar e detiveram-se diante do Novosolin.

Os ataques turcos na direcção do Dindir foram repellidos, a situação na nossa frente é estável e o moral das tropas é bom.

A ordem de mobilização deu os melhores resultados, alistaram-se grande numero de voluntários e todos os partidos políticos uniram-se num grande entusiasmo patriótico.

No dia 6 de Outubro os arménios de Tiflis fizeram uma grande demonstração diante dos commissários das potências aliadas para protestar contra a invasão turca e declarar a sua intenção de combater até ao ultimo dia pela sua independência.

Fizeram uma demonstração hostil diante da residência da missão dos soviets. Os bolchevistas ofereceram-se para obter a retirada dos turcos para a fronteira de 1914, se o governo arménio declarasse oficialmente que não tinha nenhuma relação com os aliados. Esta oferta foi rejeitada. — *Rádio.*

Os bolchevistas dirigem um ultimatum à Arménia

CONSTANTINOPLA, 24. — Um telegrama recebido nesta cidade diz que o ultimatum bolchevista à Arménia comporta a exigência de se usar livremente das vias ferreas, quebra de relações com os aliados e submissão à arbitragem de Moscova para a resolução das questões territoriais entre a Arménia e a Turquia. — *Rádio.*

Aos Operários da Construção Civil

Do Sindicato Único da Construção Civil recebemos a seguinte nota:

— Camaradas! Na reunião efectuada ontem, em que foi debatido o caso de estarem operários das obras do Estado armando corétes e hastingando pous de bandeira para uns festejos quaisquer que vão realizar-se, atraiçoando por esta forma os seus camaradas do município, não se lembrando sequer de que o movimento desses camaradas teve o seu início num dos mais belos gestos de solidariedade que a classe operária tem praticado e não os comovendo sequer o estarem colaborando com a câmara municipal, na condenação à fome de centenares de famílias. Foi resolvido repudiar do seu seio todo aquele que se preste a continuar representando tal papel e fazer publicar os seus nomes, a fim de que a classe operária organizada lhe dê o correctivo que merece, convidando por esta forma quem os conhecer a vir fornecer os seus nomes à direcção do Sindicato.

A CIDADE...

A partida para o Brasil

Estava um belo dia de sol sobre o Tejo largo. Abreirei-me da muralha para ver alguns rebocadores que subiam ou desciam o rio, entre grandes bigodes de espuma branca. Alguns saltavam de quando em quando, um apito estridente que o eco repetia pelos quatro cantos da cidade. Ao longo, barcos estrangeiros estacionavam entre a confusão de mastros das fragatas que os rodeavam. A areia vermelha do Alentejo resplandecia e lá para os lados da Almada, casitas brancas subiam da colina, umas após outras até chegar ao forte.

O dia luminoso de Agosto fazia convites para um passeio admirável, rio acima; porém, não os aceitei, por falta de meios, ficava ali assentado nos bancos de pedra do Terreiro do Paço, contemplando.

Quasi em frente de Cacilhas um grande navio escuro, confuso entre fumos brancos e fragatas verdes, resolegava.

— Que barco é aquele? — perguntei a um marítimo.

Era da Mala Real Inglesa e tinha um nome bárbaro, aspirado e rude que eu não conseguia pronunciar.

— Para onde vai? — perguntei ainda.

— Para o Brasil, parte hoje.

Que dei-me admirando o monstro durante longo tempo. O marítimo sentado noutro banco, contemplava-o também.

Meus olhos não o desfiavam; tinha o poder fascinador de um animal horrendo e feio.

De súbito, ali no Cães das Colunas, certo ruído de vozes atraí-me a atenção. Era uma grande fragata que ia largar, carregada de malas e de gente, tudo empilhado numa diversidade de cores e formas bizarras. Da confusão surdida, aqui e acolá, grandes lenços vermelhos, brancos ou verdes, acenando.

— Que diabo vai aquela gente ali a fazer? — voltei a interrogar o marítimo.

— Vão para bordo da Mala Real e calou-se.

Felizmente os marítimos não são muito faladores, limitam-se a responder ao que lhes perguntamos, e fazem muito bem.

Concluí então que tudo aquilo eram emigrantes. Já iam ao largo os desgrçados e os lenços ainda acenavam e as malas ainda por lá andavam aos trambolhões.

O espectáculo fez-me pensar. Ocorreu-me o que um amigo uma vez me contara. A arvore das patácas que aquela gente procurava, há muito que secura no Brasil. Os pobres provincianos, habituados a cavar e a passar necessidades na terra ingrata, onde o proprietário impera, não cultivando, não dando que fazer aos braços rudes que acabam por fugir para longas terras, iam sofrer brutalmente na terceira classe da Mala Real, onde os ingleses, nossos aliados, os tratariam como cães.

Quiz ver de perto a partida para bordo e deixei o banco de pedra. Fui-me até à escadaria do Caes.

Surgiu-me um cenário inteiramente novo, inédito. Não era o Caes das Colunas sossegado, que eu conhecia, com o vapor de Cacilhas que atraca e um guarda-fiscal que apalpa. Havia movimento, vida nova, muita cor e muita luz, um formigueiro imenso de homens de jaqueta, largo chapéu e cinta vermelha e mulheres de saias berrantes, lenços amarelos ou azues. E daquela gente que passa pela cidade e não conhece a cidade, que desembarca no Rossio, procura um hotel na rua dos Dourados ou no largo do Pelourinho e, passado um, dois dias, emboracado no Terreiro do Paço e vai sofrer para o Brasil.

Nos dias de embarque, o Caes das Colunas toma o aspecto dum feira de provincia, mas uma triste feira sem harmonia, sem cantigas, sem vira, nem verde-gaio; sem vinho espumante nem louça de barro vermelho luzindo à claridade franca de Agosto; sem barracas de petiscos, cestos de vindima, nem gado para mercar. É uma paupérrima feira de operetas; como se o empregado não tivesse dinheiro para completar a cena.

Para ali estão os bons camponeses, atravancando a escadaria pombalina, sentados sobre as malas, uns, sobre os degraus, outros, ao passeando dum patto outro lado, encostados ao cado forte.

Muitos deles nunca viram o mar e olham o rio espantados, tomando-o por um oceano. Mal pensam, coitados, que belas ondas de tempestade os esperam lá fora da Barra, para os fazer enjorar e lançar as tripas.

Para eles, grandes crianças ingénuas e desconfiadas, tudo são surpresas. Apesar de avarentos, raro é o que não compra uma cadeira de viagem, de lona e madeira amarela, que mulheres por ali andam a vender.

Seus olhos castanhos são de sonhadores, porque só sonhadores se aventuram a procurar, assim, uma terra longe e desconhecida, por ter ouvido dizer que lá se fazia fortuna, trabalhando. Desconhecem que em parte alguma do mundo se faz fortuna, trabalhando. Roubando sim; e para roubar não é preciso ir ao Brasil.

O ruído no caes é grande. Os fragateiros barafustam e manobram para atracar as grandes fragatas. Salta um em terra e grita:

— Quem é que vai para a Mala Real? Os provincianos ficam-se indecisos. Aquilo deve ser com eles. Não sabem se vão para a Mala Real, sabem apenas que vão para o Brasil.

— Quem é que vai para o Brasil? — exclama outro.

Agora sim todos percebem, porque todos vão para o Brasil. O Brasil! Esta palavra parece fazer-lhes sonhar com maravilhas, libras reluzentes correndo

pelos vales amenos em candalosas torrentes; com fontes límpidas onde caem pingue, pingue, grandes pérolas, como gotas de água cristalina. Ouvem o tenir do ouro, o canto oriental da fortuna. A palavra Brasil acorda todas as ambições, todos os desejos. Brasil vale mais do que a felicidade.

— Quem é que vai para o Brasil? Toda aquela gente se mexe, agitam-se as malas de couro e as cadeiras de viagem; os lenços de seda e os sacos de chita. Jovens, mulheres, velhos e crianças — porque tudo emigra — chegam-se à borda e gesticulam e gritam, zangam-se, choram, riem e chamam, em altos berros, os petizes que, de dedo no nariz, ficam entreditos a contemplar o largo. Há misturas e hesitações, medos e prantos. Mulheres medrosas vão ao colo dos frigateiros, aconchegando a saia azul para lhes não vejam as pernas, nem as roupas brancas; os petizes passam não sei como de mão em mão e os homens, fazendo-se valentes, atravessam com grandes gestos de equilibrista, a ponte — taboa estreita que de bordo desce até ao Caes. Dois matulões de mangas arregaçadas e braços tatuados de azul, arremessam, à doida, as malas para o fundo da fragata. Em breve a embarcação está cheia, a deltar por fora. Reina lá dentro a confusão; os passageiros não sabem uns dos outros, nem dos sacos de chita, nem dos filhos, das mulheres, dos pais, nem dos irmãos...

— Alá! Larga! E a grande vela ergue-se, a fragata afasta-se, toma vento e vai à bolina.

Em terra, fazendo adeus aos que se vão, fica ainda muita gente esperando vez. Já vai longe o grande catraio e dos passageiros não se distingue mais do que uma massa confusa.

No Caes vende-se água fresca ou capiti, tremoços e amendoim.

Uma provinciana, sentada a um canto, chora e a ela choram os filhos; mais além um velhote de faces enrugadas e tristes, fita no azul do Tejo os seus grandes olhos negros, mas não o vê. O seu pensamento anda arreio das águas mansas um bom par de léguas. Está no pedaço de terra, na casita tósca, na ferramenta e no gado, que vendeu a fim de obter o dinheiro da passagem. Quem sabe se o bom velhote não estará já arrependido!

A garotada anda por lá aos pulos, trancando os tremoços, sob a vigilância das mães. Há um veio de tristeza em cada grupo, uma grande tragédia em pleno sol, num dia de verão encantador em que dá vontade de cantar.

Aproxima-se outra fragata para levar o resto dos emigrantes. Repetem-se as cenas de há pouco. Um menos hábil cai ao rio e é pescado pelo fundo das calças; ouvem-se gargalhadas estridentes entre os choros, e a vitima, escorrendo, como um cão que sal do banho, sacode-se e ri para ocultar o seu grande susto, a sua grande vontade de chorar.

Uma brisa forte leva-os a todos, empilhados, uns sobre outros, como mercadorias, como gado humano.

Lá vai a pobre gente a aventura. O vapor da Mala Real, o monstro, solta um apito forte e grave, como o zumbido de uma abelha imensa. A partida está para breve. Passado uma hora, a florista de mastros das fragatas que o rodeiam, afasta-se, ouve-se novo zumbido e o vapor branco das caldeiras escapa-se em soborosos penachos. Outro zumbido formidável, o último, o monstro move-se lentamente, primeiro, rápido, depois, descendo o rio, sob o fumo negro e pesado do carvão. Some-se por fim, lá em baixo, atrás da complicação de mastros de outros navios, levando consigo dores humanas, esperanças vãs, grandes ilusões e sobretudo muitos, muitos dos que não tornam cá.

Mário DOMINGUES.

PELO BARREIRO

Sobre a carta que há dias publicámos com o título acima, recebemos do sr. Julio Caitano Verissimo, presidente da comissão executiva da câmara daquele concelho, um officio em que esclarece a attitude daquela corporação. Dando-o à publicidade, julgamos liquidado o incidente.

Segue o officio:

Sr. redactor. — Acerca dum local inserto na *Batalha* de hoje, sob o título *Pelo Barreiro* — A attitude da câmara socialista — assinada pelo sr. A. Sarmento, vimos rogar de v. a publicação destas linhas, para que, em abono da verdade e da justiça, as coisas sejam relatadas com imparcialidade e não se venha assacar a esta comissão executiva responsabilidades ou fazer-lhe acusações absolutamente falsas, e que, v. certamente, não se venha a dar lugar a uma divisão em acreditar.

Não tem a câmara municipal do Barreiro interferência alguma em prisões de pessoas, visto em greve, pois não é absolutamente da competência da administração do concelho, nem tem pouco tem a câmara que fornecer alimentos aos presos, assunto também da competência da autoridade administrativa, e que tem obrigação de fornecer comida aos presos indigentes, e cuja verba para tal fim é paga pelo Estado.

Não há, pois, falta de verba para dar comida aos presos, visto que a câmara não tem interferência alguma sobre o assunto. Quanto aos *benemeritos* (como diz o sr. Sarmento) cotizam-se para auxiliar uma câmara preso, devemos esclarecer v. que esta comissão executiva, na sua maioria composta de operários, e que actualmente estão em greve, pois não são ferroviários, terão talvez ainda mais necessidade de serem socorridos, e que o correspondente de *A Batalha*, que se encontra preso, caso que de certo o mesmo sr. Sarmento não deve ignorar, mas que propontadamente se esquece.

Muito grato me confesso pela publicação desta carta e subscrevo-me com a máxima consideração. — De v. — O presidente da comissão executiva — Julio Caitano Verissimo.

Trabalhadores: Lede e propague a BATALHA

AS GREVES

O movimento dos ferroviários

O serviço não está organizado e mesmo assim é perigoso

Entendem os governantes que um serviço complexo como é o ferroviário pode ser desempenhado por individuos incompetentes e desorganizados, sem que haja risco para a vida de quem viaja nem para a segurança das mercadorias.

O governo não soube a responsabilidade que assumia ao tentar reorganizar o transito de caminhos de ferro por soldados e officiaes que nada percebem do assunto. O resultado está-se vendo. Constantemente as desgraças estão acontecendo. Tem sido uma verdadeira sorte não serem mais importantes essas desgraças, o que não quer dizer alguma não venha a dar-se, de forma levar o governo ao convencimento de que só os profissionais podem desempenhar como deve ser o serviço ferroviário.

De resto, correm os poucos passageiros tanto risco, para chegar de oito em oito dias um comboio com três dias de atraso.

Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Continuam as negociações com o governo, voltando novamente a realizar-se outra conferencia hoje, pelas 13 horas.

Continua a greve em todas as redes, não havendo alterações dignas de registar.

Na linha da C. P., na estação do Entroncamento por um erro de agulha, invertida precipitadamente por um soldado inexperiente deu-se um descarrilamento dum comboio, ocasionando a destruição de dois vagoes, ficando as linhas impedidas durante 5 horas.

A solidariedade do operariado do Algarve para com os ferroviários. — Choque de comboios. — Feridos

FARO, 21. — Dois ou três dias após a declaração da greve ferroviária, os comerciantes de Faro reuniram-se e foram protestar junto do governador civil contra os grevistas, pedindo para elles medidas severas.

Em frente do governo civil, na praça Manuel Bivar, muito povo se ia reunir, entre o qual muitos funcionarios publicos, que por sua vez ia protestando contra os commerciantes.

Estes e um ou dois doutores, depressa se despatcharam e, minutos depois, o povo reunido dirigiu-se para a U. S. O., e ali, por entre vivas aos ferroviários, aprovou as moções que seguem:

Considerando que a miséria do povo alastrou extraordinariamente;

Considerando que o desequilíbrio económico, provocado pelo commercio, liquidou a classe media, levando-a para o campo puro dos explorados;

Considerando que o mundo está puramente dividido em duas classes, explorados e exploradores;

Considerando que a miséria dos primeiros é causada pelo lucro dos segundos;

Considerando que esta riqueza é escandalosa e atentatória dos direitos das gentes;

O povo de Faro, reunido espontaneamente, indica ao governo que o unico meio de salvação publica é acabar com os interesses especulativos, apoderando-se de todos os estabelecimentos, declarando reus de alta traicao todos os que a tal se opuserem.

Considerando que os ferroviários em luta exigem apenas mais um bocadinho de pão;

Considerando que é lícito reconhecer a todo o cidadão o direito de reagir contra a miséria;

O povo de Faro, reunido espontaneamente na União dos Sindicatos Operários, pede ao governo que atenda no possivel, as reclamações dos ferroviários.

Depois de aprovadas estas duas moções e terem falado varios oradores, o povo (já noite) dirigiu-se ao governo civil. No trajeto muito mais povo se reuniu e então a manifestação foi colossal, mesmo sem aviso previo.

As moções foram entregues ao commissário de policia, visto o governador civil não se encontrar.

Nesta occasião, quando a multidão estacionava em frente do correio, telegrafal e *Batalha*, dando a noticia, não sabendo se o telegrama ali foi recebido.

— Ontem reunii todo o operariado de Orlão, resolvendo apoiar os ferroviários moral e materialmente, se as necessidades a isso obrigarem. Estão prontos para a luta.

muitos individuos que já viam, que se a greve demora mais quinze dias, o estado só pode contar com as máquinas que os ferroviários esbottaram.

Operários municipais

A greve dos operários municipais continua no mesmo estado, não tendo podido a comissão de *demarches* da U. S. O. dar conta dos seus trabalhos junto da câmara municipal, em virtude do governador civil ter prohibido a reunião convocada para ontem.

Esta forma não pode com facilidade de solucionar-se o conflito, pois não se tem permitido comunicar aos grevistas os resultados das entrevistas, prolongando-se assim por mais tempo este estado de coisas.

Recalcm, portanto, as culpas sobre quem devem recair, não acusando depois os operários municipais de responsáveis pela não solução do conflito.

No gabinete da U. S. O. devem hoje comparecer, pelas 13 horas, todos os delegados que constituam a comissão de melhoramentos que tratou das reclamações desde junho até à presente greve, devendo também comparecer à mesma hora e no mesmo gabinete o camarada David Augusto, l.º

As classes reúnem hoje, às 14 horas, na Travessa da Agua de Flor, 16 l.º

Do comité recebemos a seguinte comunicação:

A situação precária em que os operários do município se encontram há já imenso tempo, é devida ao pouco cuidado em que os senhores que tem administrado o Município não atender a tempo as nossas justissimas reclamações e a ganancia desenfreada do alto commercio, que não descança em nos roubar descaradamente.

Por este motivo reclamamos da Câmara pra que nos melhore um pouco a nossa situação precária situação, reclamando que até à data ainda não foi atendida, e continua com indiferença o desprezo, não se tendo com ella preocupado.

Por não serem atendidas as nossas reclamações de carácter moral, fomos forçados a recorrer à unica arma que nos restava, a greve, e nela estamos empenhados, impulsionados pela miséria que há muito alastra nos nossos humildes lares.

Nesta situação, nos collocamos aqueles senhores, nós que durante 5 mezes escapamos pacientemente, procurando evitar lançarmos no movimento.

A Câmara, como nunca respeitou o seu pessoal, no firme propósito de o provocar, apanhou, devido a recusarem-se a tirar o movimento dos nossos camaradas marítimos e camarádos, devido.

É qual a razão porque os suspendeu? Porque não tem um cérebro nem um coração para poderem avaliar o gesto nobre destes camaradas.

A Câmara não tem nem querido ouvir, esperando que o seu pessoal retoma o trabalho, sem atender as nossas justissimas reclamações.

Mas os sr. vereadores podem dormir descansados porque as classes do Município não estão dispostos a suportar tanta incompetencia.

Camaradas! É hoje segunda-feira e a Câmara está esperando em que o seu pessoal retome o trabalho, e a fazer-lhe ver que somos operários conscientes e de critério.

Portanto, camaradas, sem tibezas, marchemos a caminho da vitória.

Ainda que ela nos pareça difícil, porque a câmara cabe toda a responsabilidade deste movimento se prolongar.

Acetamos a luta que nos impuseram, mas queremos a digna e altruísta. Avante, pois, que meitidos como estamos entre a espada e a parede, só nos resta lutar para vencer o movimento.

Sem pão, com fome, é preferível a morte heroica que a traição vergonhosa.

Lutemos, até que nos reconhecem o direito a vida.

Tendo chegado ao conhecimento deste comité que o sr. governador civil continua proibindo as nossas reuniões, o que é uma arbitrariedade, protestando assim a solução do nosso conflito, levantamos o nosso mais veemente brado de revolta por tal attitude.

Este comité comunica a todos os camaradas municipais em luta a que, continuando neste conflito, porque este só vos mandará retomar o trabalho quando a câmara satisfizer integralmente as nossas reclamações. — O Comité Central.

Nota officiosa da União dos Sindicatos Operários

